

1

O ELEPHANTE BRANCO E O RATINHO SABIO

4

O ELEPHANTE BRANCO E O RATINHO SABIO

Quando o elephante branco conseguiu notar de onde vinha a voz, viu que um bicho pequenissimo lhe dirigia a fala. O elephante branco nunca tinha visto um camondongo e ficou surpreso deante daquelle animalzinho tão insignificante. Estendeu pois a formidavel tromba para apanhar o ratinho. Quando a tromba do elephante se approximou d'elle, o ratinho subiu por ella, correu pelas costas do ^{elephante} pachiderme, desceu pelas orelhas, fez um raide pela barriga e, quasi dentro de uma das orelhas do elephante, assim lhe falou:

" - Agora adivinha onde eu estou! "

O couro muito grosso dos elephantes não deixa perceber a impressão que as patinhas levissimas de um camondongo podem deixar sobre o seu corpo. O elephante ficou então espantado de estar ás voltas com um bicho tão pequeno e tão insolente. Irritou-se com o camondongo e lhe falou grosso:

" - Quando eu quizer, infeliz bichinho, te pisarei e deixarás de viver para sempre!"

" - Estás enganado elephante, pois quem está te pisando, sou justamente eu. Não estou por acaso em cima de ti? E tu não está debaixo de meus pés? Simplesmente não tenho como tu força nem peso para te esmagar. Mas tenho sabedoria que é melhor.

" - Sae dahi, bichinho ruim! Não vês que sou ^{mm} elephante branco, bem differente dos outros elephantes?"

" - Branco e sujo, respondeu o camondongo. Isto de cõr

5

pouco adianta hoje. Tenho irmãos mais brancos do que tu, elephante, e morrem tolamente em experiencias de laboratorio! - De que servem a tua brancura e a tua força se nem consegues me apanhar!"

O elephante deveras não conseguia apanhar o camondongo. Desesperado introduzia a tromba nas orelhas, mas o ratinho escapava para o dorso, e quando a tromba acudia aqui, o camondongo fugia para acolá sem ser visto.

" - Oh elephante! gritava agora o ratinho, de dentro das palhas da jaula. Viste quando eu entrei na tua tromba e sahi no teu ouvido e entrei de novo pelo teu ouvido e sahi no dedo da pata? Viste elephante, quando eu estava dentro da tua cabeça vendo mesmo se ella estava ôca? Pois estava mesmo elephante! Pois tu és um bicho grande, branco e sem juizo!"

Nada disso tinha acontecido e as prosas do camondongo queriam somente castigar o ~~pachideme~~ ^{elephante} envaedecido. Então o elephante foi duvidando de si proprio, de sua enorme força e de sua apregoada intelligencia alli inteiramente vencidas por um simples camondongo. Enquanto isso, o ratinho ligeirissimo subiu de novo pela perna do elephante e de cima do pescoço do animal gritou:

" - Ó elephante, se tivesses mais força do que eu, re-bentarias a jaula e serias livre como eu sou. Porque não me pisas como prometteste?

O elephante foi pegando medo do camondongo. Foi creando

6
medo e dahi ha pouco o seu pavor era enorme. E nesse ponto
gritou por soccorro chamando o guarda do jardim zoologico.

Dizem que desse tempo para cá os elephantes começaram
a ter medo de camondongos.

Conto para crianças -

O GRANDE HOTEL SILVESTRE

O GRANDE HOTEL SILVESTRE

Adalgisa nasceu com uma alma muito pura e muito bôa. E todas as meninas que se conservam muito puras e muito bôas vêem as coisas mais do que as outras, possuem olhos da fada e adivinham e escutam falas que nenhuma outra menina pode escutar. Um dia, Adalgisa vinha sosinha da aula e quando atravessava a Quinta se perdeu. Começou a chorar, andando a tôa, até que parou, cansada, junto de uma velha jaqueira. De repente ouviu alegres vozes misturadas com pipilos e cicios e pipios que vinham da jaqueira. E tudo era muito divertido e tudo era muito feliz! E foi quando uma carriçazinha lhe falou:

" - Adalgisinha, pare um minuto e venha visitar o hotel do pessoal da Quinta. Conheço muito você, pois o mez passado fiz um ninho no seu telhado. Agora como os meus meninos estão grandes, mudei-me para este hotel. Ouvi muitas vezes você cantar, Adalgisinha. Você canta alegremente como nós cantamos. Acordamos muitas vezes juntos, pois como nós, você se deita cedo e acorda também cedo. Só um inquilino a essa hora está dormindo aqui, mas é necessario que elle durma de dia pois trabalha á noite inteira: é o nosso guarda nocturno - o senhor corujinha. Muito exquisito este senhor mas muito bom. Espere ahi, Adalgisinha, que eu vou baixar o elevador para você visitar todo o arranha-ceu em que funciona o nosso

o nosso hotel."

E a amavel carriçazinha fez baixar um dos ramos da jaqueira. Adalgisa sentou-se nelle e num instante, logo no primeiro andar encontrou a senhora lagartixa.

" - Bom dia disse-lhe a lagartixa, conheço muito você. Já andei de noite em sua casa, Adalgisa. Ia apanhar insectos para os meus filhos. Vi muitas vezes você estudando, preparando os seus cadernos ou rabiscando desenhos com lapis de côr. Você é bôa, Adalgisinha, e será por isso muito feliz."

" - Bom dia! dona rã, cumprimentou a carriça num outro andar do arranha-ceu! conhece por acaso a pequena Adalgisa?"

Adalgisa viu que dona rã estava muito occupada lavando roupa. E por isso disse á carriçazinha:

" - É bom que não interrompamos a senhora rã - tão occupada coitada!"

" - Você nunca estorva ninguem, Adalgisinha. Eu conheço muito você. Ja morei perto do seu tanque, no jardim. Agora que estou envelhecendo, fiquei meio exquisita e vim morar neste hotel. Lavo roupa, pois gosto de trabalhar. Quando eu era mais moça cantei muitas vezes junto de você, escondida no pé de amora da beira do tanque. Sua mamãe quando ouvia o meu canto mandava você buscar capa e galochas porque na certa ia chover. Evitei assim muitas vezes que você se molhasse e adocesse. Você merece que os bichos desse hotel gostem de você pois você é bôa Adalgisinha!"

Agora a menina estava no ultimo andar do arranha-ceu, no apartamento da andorinha.

" - Bom dia, andorinha!"

" - Bom dia, Adalgisinha! Seja bemvinda nesta casa.

Conheço muito você! Pois já morei na torre da Igrejinha que fica perto de sua casa. Já vi você entrar na Igrejinha e levar flores para o enterro de um seu colleguinha pobre. Agora vim passar uns tempos nesse hotel mas logo regressarei á minha torre, e então conversarei melhor com você."

Nisto ouviu-se o canto de dona rã.

" - Meu Deus! disse Adalgisa, vae chover e eu não posso voltar facilmente para a casa de meus paes!" E poz-se a chorar.

" - Não chore, Adalgisa que antes da chuva cahir vem passar justamente por essa fronde altissima, a senhora ventania. Você sabe Adalgisa, que a senhora ventania anda mais depressa que um aeroplano. Você num segundo estará em casa.

" - Mas eu tenho medo da ventania! disse Adalgisa, a ventania é violenta e pode me derrubar!"

" - Porque é que as aves não teem medo da ventania? Ao contrario viajam sempre nas azas della? Você é como as aves, Adalgisa, não deve ter medo de nada! Quem é bom nada teme!"

Mal acabou de falar, lá vem a ventania com uma velocidade tremenda. Ia para o Polo Norte. Tinha percorrido o mundo em poucas horas. Na cauda da ventania vinham aves de to-

dos os climas, gaivotas, alciones, cegonhas, garças, araras, papagaios, rouxinoes, pintasilgos, todas as aves viajavam na ventania como num grande omnibus e até ao Polo Norte as aves mais variadas subiam ou desciam das asas da ventania.

Innumeros pardaes, camarios, azulões e tico-ticos que moravam no hotel tomaram passagem na ventania. Adalgisa subitamente foi arrebatada pela ventania. Ia voando, levado como uma ave grande, bonita. A porta do quarto da mamãe estava aberta. E a mamãe já estava chorando porque não via sua filhinha chegar, e ia chover.

" - Mamãe, disse Adalgisa, eu sabia que ia chover, pois agora mesmo a dona rã me preveniu. Você se lembra de dona rã?"

A mamãe pensava que a menina estivesse doente, estivesse com febre, delirando. Então Adalgisa lhe contou a sua extraordinaria aventura.

sítio, e gosta muito de mamãe carijó e sua ninhada. Mas ha uma cousa que ella não sabe explicar: um dos pintinhos hoje cheinho de pernas pedrezes como os outros é amicissimo do cachorro Sargento. Acompanha-o para todo logar. Não o deixa durante todo o dia.

Ella não pode comprehender isto. Mas talvez vocês possam auxiliá-la a decifrar o mysterio.